



Leitura e pesquisa dos textos de Françoise Choay
Uma entrevista com Rachid Ouahes
e a apresentação de seu inventário bibliográfico

Lecture et recherche des textes de Françoise Choay
Un entretien avec Rachid Ouahes
et la présentation de son inventaire bibliographique

Reading and researching Françoise Choay's texts
An interview with Rachid Ouahes
and the presentation of his bibliographic inventory

PEIXOTO, Priscilla Alves¹
OUHAES, Rachid²

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Arquitetura. Rio de Janeiro, Brasil.
priscillapeixoto@fau.ufrj.br
<https://orcid.org/0000-0002-7809-2633>

² Université Benyoucef Benkhedda (Argel 1). Département architecture. Argel, Alger.
rachid.ouahes@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0007-0848-3069>

Recebido em: 29/10/2023. Aceito em: 25/01/2024.



Resumo

Esta entrevista foi realizada por Priscilla Alves Peixoto, docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com Rachid Ouahes, docente da Universidade Benyoucef Benkhedda (Alger 1) e autor de uma das primeiras monografias sobre a obra de Françoise Choay. Seu ponto de partida é uma apresentação geral da interlocução com Rachid Ouahes. Na sequência, são introduzidas as questões que permitiram conhecer o processo de elaboração da monografia do entrevistado e as motivações que o levaram a empreendê-la. A entrevista conta ainda com uma reflexão crítica de Rachid Ouahes ao revisitar o trabalho que realizou há mais de vinte anos. Para complementá-la, incluiu-se ainda a transcrição do inventário bibliográfico elaborado para a monografia, uma relação de escritos de Françoise Choay publicados entre 1956 e 1999. Espera-se que esse inventário bibliográfico sirva de base para futuras pesquisas.

Palavras-chave: *Françoise Choay; crítica; teoria; arquitetura; urbanismo.*

Résumé

Cet entretien a été réalisé par Priscilla Alves Peixoto, enseignante à la Faculté d'architecture et d'urbanisme de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro (UFRJ), avec Rachid Ouahes, enseignant à l'Université Benyoucef Benkhedda (Alger 1) et auteur de l'une des premières monographies sur l'œuvre de Françoise Choay. L'entretien commence par une présentation générale du dialogue avec Rachid Ouahes. Les questions qui suivent ont permis de connaître le processus d'élaboration de la monographie de l'interviewé et les motivations qui l'ont amené à l'entreprendre. L'entretien présente également une réflexion critique de Rachid Ouahes, qui revient sur son travail réalisé il y a plus de vingt ans. Dans le supplément, le lecteur trouvera la transcription de l'inventaire bibliographique préparé pour la monographie et une liste des écrits de Françoise Choay publiés entre 1956 et 1999. On espère que cet inventaire bibliographique servira de base à de futures recherches.

Mots-clés : *Françoise Choay ; critique ; théorie ; architecture ; urbanisme.*

Abstract

This interview was conducted by Priscilla Alves Peixoto, professor at the Faculty of Architecture and Urbanism of the Federal University of Rio de Janeiro, with Rachid Ouahes, professor at Benyoucef Benkhedda University (Alger 1) and author of one of the first monographs on the work of Françoise Choay. Its starting point is a general presentation of the dialogue with Rachid Ouahes. Next, the questions that allowed us to know the process of elaboration of the interviewee's monograph and the motivations that led him to undertake it are introduced. The interview also features a critical reflection by Rachid Ouahes, revisiting the work he did more than twenty years ago. To complement it, the transcription of the bibliographic inventory prepared for the monograph was also included, a list of Françoise Choay's writings published between 1956 and 1999. It is hoped that this bibliographic inventory will serve as a basis for future research.

Keywords: *Françoise Choay; criticism; theory; architecture; urbanism.*



Introdução

por Priscilla Alves Peixoto

No verão de 2016, ao iniciar um estágio doutoral na Escola de Arquitetura Paris-Belleville (França), quando realizava minhas primeiras pesquisas em acervos parisienses, recebi uma indicação dos responsáveis pelo Centre de Recherche Documentaire Roger-Henri Guerrand¹: consultar uma monografia do antigo Diplôme d'Études Approfondies (DEA), datada de 1999, cujo título era *Épistémologie et science de la ville: chronique d'une mort annoncée* [Epistemologia e ciência da cidade: crônica de uma morte anunciada]. Ela havia sido elaborada por um pesquisador chamado Rachid Ouahes, que foi orientado por Philippe Gresset e Jean-Louis Cohen. Em 2016, tratava-se do único trabalho monográfico dedicado à obra de Françoise Choay que podia ser identificado nas bases de pesquisa francesas².

Encontrar esse trabalho foi fundamental para identificar e localizar os escritos redigidos por Françoise Choay entre 1956 e 1999, que desde 2016 se tornaram as principais fontes da tese que defendi em 2018 — *Uma história do urbanismo em construção: as práticas historiográficas de Françoise Choay (1956–1971)* — e do artigo que publiquei alguns anos depois — *Por uma leitura situada de urbanismo: utopias e realidades. Uma antologia (1965), de Françoise Choay (2021)*. A construção dessas minhas pesquisas havia sido motivada, sobretudo, por observar (e desejar criticar) o uso aplicado que se fazia da obra *Urbanismo: utopias e realidades. Uma antologia (1965)* nas salas de aula no Brasil. A intenção das pesquisas era mostrar o livro como uma construção específica, para fomentar outros modos de abordar sua leitura que considerassem sua situação de enunciação e as mudanças nas posições da autora após a publicação da antologia, como também alertou Thierry Paquot (2019).

No entanto, tendo iniciado meus estudos sobre a autora já nos anos 2010, no Brasil, até então, por mais que eu buscasse ampliar meus conhecimentos sobre os textos escritos por Françoise Choay, a maior parte das informações que eu conseguia reunir eram relativas a seus trabalhos sobre urbanismo e patrimônio. Ou seja, eu reconhecia a autora como uma acadêmica de grande envergadura que circulava entre universidades e conferências promovidas pela Unesco, contudo, também constatava que essa era uma atuação que Françoise Choay consolidou sobretudo a partir dos anos 1980 e que, portanto, não era exatamente aquela que ela tinha quando organizou e publicou *Urbanismo: utopias e realidades. Uma antologia (1965)*.

Assim, o inventário bibliográfico deixado por Rachid Ouahes no final da sua monografia tornou-se, para mim, uma espécie de cartografia para adentrar um território com uma paisagem singular (seus atores e seus debates), no qual *Urbanismo: utopias e realidades. Uma antologia* havia sido gestado. Essa foi uma via para estudar o que Roger Chartier ([1988] 1991; [2001] 2014; 2011) chamou de “o mundo do texto” e o “mundo do leitor”, lugares da produção literária que nos levam a interrogar um livro sobre suas “condições de possibilidade” e sua materialidade, além do “tempo da obra”, e, com isso, poder ensaiar uma “história cultural do social”. No meu caso, foi uma história cultural da crítica do urbanismo a partir de Françoise Choay. Os textos elencados no inventário de Rachid Ouahes apresentavam-se como a possibilidade de observar um “canteiro de obras”, lugar de produção de questões onde uma intelectual, em público, deixava-se observar construindo seu percurso, sua agenda e suas batalhas. Eles foram fontes para a elaboração de uma “biografia intelectual”, como eu a havia visto encenada nos livros de François Dosse para trabalhar a vida de outros intelectuais do mesmo período.

A entrevista com Rachid Ouahes foi imaginada desde os tempos da elaboração da minha tese. No entanto, na ocasião, não havia conseguido realizar o contato com o pesquisador. Particularmente, eu tinha grande interesse em conhecer o processo de produção de sua monografia. Teria ele acessado a biblioteca de Françoise Choay? Quais rotas levaram um pesquisador argelino a dedicar parte de sua formação aos textos de uma autora francesa? Foi somente no contexto da elaboração deste dossiê especial para a *Revista Paranoá* que novas tentativas tornaram possível a interlocução. O resultado desse diálogo é a entrevista que se segue. Na elaboração das perguntas, busquei trazer para o público

¹ Este centro de documentação é parte do Institut Parisien de Recherche Architecture Urbanistique Société (IPRAUS), sediado na École d'Architecture Paris-Belleville.

² Entre algumas outras, as bases de consulta mais importantes foram o Système Universitaire de Documentation (SUDOC) e o Catalogue en Ligne des Archives et Manuscrits de l'Enseignement Supérieur (CALAMES).



leitor uma apresentação geral do trabalho produzido por Rachid Ouahes em 1999, visto que se trata de uma monografia realizada em tempos em que a digitalização de textos acadêmicos não era generalizada e que, portanto, ainda hoje é de difícil acesso. Pouco a pouco, tentei introduzir questões que permitam que conheçamos o processo de elaboração do trabalho e as motivações que levaram Rachid Ouahes a empreendê-lo. Na segunda parte deste texto, o leitor poderá encontrar o inventário bibliográfico dedicado aos escritos de Françoise Choay que Rachid Ouahes construiu para sua monografia. A decisão editorial de publicá-lo junto à entrevista visa estimular a realização de novos trabalhos.

Por fim, gostaria de sugerir que os leitores que se aventuram neste texto não deixem de ter em mente a operação que pesquisas sobre Françoise Choay estabeleceram aqui. Elas proporcionam o diálogo entre uma pesquisadora brasileira que buscava estranhar um livro que era tomado como manual didático nas escolas de arquitetura no Brasil e um pesquisador argelino que, como poderá ser visto na entrevista, interessou-se pelos escritos de Françoise Choay que anunciavam a necessidade de ampliação de horizontes epistemológicos, um interesse por visões de mundo mais complexas, que também contemplam preocupações como aquelas que Rachid Ouahes e seus colegas argelinos, que estudavam em Paris-Belleville, compartilhavam nos anos 1990. Olhar criticamente para esse entrelaçar de geografias distintas, de travessias do Oceano Atlântico e do Mar Mediterrâneo, além de nos apresentar contribuições para estudos sobre a vida e obra de Françoise Choay, pode trazer, de forma quase acidental, vestígios para que façamos interpretações a respeito da produção do conhecimento sobre a crítica e a teoria da arquitetura na contemporaneidade, interpretações que interroguem não só processos históricos de colonização mas também reivindicações emancipatórias, inesperados sentimentos de empatia, estranhamento dos próprios percursos e desejo de construir horizontes em comum, algo entre utopias e realidades.

A entrevista

Priscilla Alves Peixoto: Você poderia apresentar brevemente sua monografia *Épistémologie et science de la ville: chronique d'une mort annoncée* [Epistemologia e ciência da cidade: crônica de uma morte anunciada] (1999)?

Rachid Ouahes: Realizei a pesquisa da monografia DEA *Épistémologie et science de la ville: chronique d'une mort annoncée* [Epistemologia e ciência da cidade: crônica de uma morte anunciada] (1998/1999) por vários motivos. Em primeiro lugar, eu já havia obtido um mestrado na Universidade de Cornell (nos EUA), no qual trabalhei em um projeto urbano relacionado a Argel, cidade que era meu campo de pesquisa preferencial. Ao fazê-lo, senti a necessidade de aprofundar meus conhecimentos no campo do planejamento urbano e da história e de sair um pouco do terreno argelino e colonial, fazer uma espécie de desvio para me confrontar com assuntos mais amplos, universais, capazes de iluminar melhor, por comparação, esse campo específico.

Nas discussões que tiveram lugar entre os estudantes argelinos que gravitavam em torno da École de Belleville, em Paris — que foram várias, dada a situação de guerra civil que a Argélia sofria na década de 1990 —, havia um sentimento de incompreensão em relação ao ensino ali realizado, que não levava realmente em conta — ou pelo menos não explicitamente — a dimensão da crise que havia sido declarada por Françoise Choay nas décadas de 1960–1970. Tínhamos realmente a impressão de uma espécie de discrepância entre esse discurso, que visava a uma dimensão universalista, e preocupações exclusivamente francesas, muito mais específicas, que não respondiam à ampliação de horizontes a que necessariamente nos víamos pertencendo.

No programa de *urban design* que acompanhei em Cornell, tive a oportunidade de enfrentar um ensino de caráter historicista que abriu todo um horizonte de concepções culturalistas, muito novo para mim, porque o ensino de arquitetura na Argélia, após sua independência, em 1962, permaneceu dependente dos currículos franceses e essencialmente focado nos princípios do Movimento Moderno e da modernização. Todo o século XIX colonial na Argélia e sua arquitetura da famosa orla de Argel, ou mesmo a mais recente e moderna, do período entreguerras, parecia uma nebulosa enviada de volta a um passado mítico a ser esquecido, ainda que, materialmente, essas arquiteturas constituíssem o ambiente da vida cotidiana dos argelinos. Na mesma linha, a dimensão tradicional e vernácula do

patrimônio local permaneceu relativamente pouco considerada e estudada, enquanto os centros antigos (como a casbá) estavam visivelmente se deteriorando. De certa forma, é essa cesura com essa parte da história que a teoria de Françoise Choay parecia destinada a agitar ou recuperar.

Priscilla Alves Peixoto: Como e por que você se interessou pela análise dos textos de Françoise Choay?

Rachid Ouahes: A escolha de trabalhar com Françoise Choay (e não com um personagem de dimensão mais histórica como Marcel Poëte, que eu havia considerado em determinado momento) me pareceu óbvia, porque fazia parte dessa nova escala de percepção do mundo que se abriu por volta dos anos 1960 com os processos de descolonização. Os modos de pensamento pareciam dialetizar o presente com a história, a cultura com a modernização, assim como pareciam sugerir os pressupostos dos textos publicados por Françoise Choay e sua crítica às atitudes preconceituosas ou pretensivas que presidiram a fabricação do mundo moderno.

Evidentemente, a publicação de sua teoria dedicada às correntes urbanísticas, em 1965, despertou grande interesse entre muitos teóricos ao redor do mundo, o que pareceu corresponder a esse deslocamento do pensamento urbanístico para um novo paradigma, mais globalizado e, ao mesmo tempo, mais aberto à pluralidade das culturas mundiais, ainda que, do ponto de vista metodológico, sua teoria assumisse visivelmente a articulação da antiga querela entre os antigos e os modernos. Em todo caso, certamente havia uma dimensão tácita na expressão dessa teoria, que carregava essa abertura ou essa ampliação do paradigma mesmo que os discursos da época não o dissessem realmente nesses termos, que talvez sejam mais recentes. Acho que esse é o sentimento que me tomou naquele momento dos anos 1990.

Priscilla Alves Peixoto: Como foi desenvolvido o inventário de textos escritos por Françoise Choay, apresentado ao final de sua monografia? Uma determinada biblioteca ou acervo foi consultado? Em caso positivo, qual?

Rachid Ouahes: Empreendi essa pesquisa de forma um tanto solitária, baseando-me essencialmente nas raras referências citadas pela própria Françoise Choay nas poucas linhas de apresentação contidas na capa de *Urbanismo: utopias e realidades* (1965), em que mencionava o jornal *France-Observateur* e não sei que outra revista de arte. Uma coisa levando a outra, cada artigo me permitiu cobrir os outros, quase exaustivamente, para a época (devo também observar as indicações de Philippe Gresset, que colaborou com ela momentaneamente na questão da habitação). Um lugar essencial de pesquisa para mim foi a Bibliothèque Sainte-Geneviève, que me permitiu cobrir a maior parte de sua produção antes de 1965 e mesmo depois, como o que concerne, por exemplo, à *Le Magazine Littéraire*. Recebi também a ajuda do Centro de Documentação do Institut d'Urbanisme, que me permitiu recolher textos publicados fora do setor comercial ou fora das redes de distribuição francesas.

Devo admitir, agora, que a descoberta de todos esses artigos revelou-me dois aspectos importantes que nortearam a redação da dissertação: em primeiro lugar, o importante envolvimento da autora em destacar o processo de modernização dos anos 1950 e sua grande admiração por Le Corbusier, sobre quem ela escreveu a monografia publicada pela editora Braziller, em 1960, antes de mudar totalmente sua visão das coisas por volta de 1961–1962 (voltarei a isso na última pergunta); depois (o que provavelmente também está relacionado com o anterior), sua crítica à arquitetura, pela qual parece querer substituir o urbanismo, numa lógica que certamente retoma os fundamentos do debate que opunha, na França, os apoiadores do Movimento Moderno (reunidos em torno de Le Corbusier) e os de uma prática tradicional, regionalista, representada por Gaston Bardet.

Priscilla Alves Peixoto: Houve a possibilidade ou o interesse em estabelecer um diálogo com Françoise Choay durante a elaboração da monografia? Se sim, como ela se estabeleceu?

Rachid Ouahes: Evidentemente, a questão da entrevista foi considerada, e eu até tive uma ou duas sessões de discussão com Monique Eleb para prepará-la. No entanto, ao mesmo tempo, eu era muito sensível ao fato de que a escolha que eu tinha feito — interessar-me por Françoise Choay no contexto da École de Belleville — não era realmente aceita como evidente. Cheguei a ter a impressão de que tinha transgredido um tabu, visto que alguns professores tentavam me dissuadir de fazê-lo, para abordar um assunto mais argelino. Esse tabu certamente estava ligado à questão do papel do arquiteto, cuja morte Françoise Choay parecia insinuar estar próxima, se não já ocorrida. Na relação com Belleville,

essa questão se encarnava, sem dúvida, na relação com o “modelo italiano”, aqui conduzida, para além de Braudel, pela personalidade de Jean-Louis Cohen (a quem gostaria de prestar homenagem, após sua recente morte), cuja percepção intelectual do arquiteto, associada à cena italiana³, não parecia realmente estar de acordo com a condenação anterior de Françoise Choay ao arquiteto demiurgo. Na minha humilde opinião, há uma verdadeira disputa sobre o papel do arquiteto, destacada pelo tipo de mística que ficções como a de Ayn Rand (1943) lhe atribuíram e que maio de 1968 brutalmente desmistificou, cujas raízes remontam, sem dúvida, ao contrapeso liberal que o século XIX quis trazer aos corpos profissionais de Estado.

Seja como for, a percepção relativamente confusa dessas dissensões me fez decidir não formalizar (por assim dizer) a continuação da proposta dessa monografia, que eu não queria abandonar, e não exacerbar diferenças que eu não me sentia capaz de assumir e sobre as quais não tinha controle. Excluí, portanto, a ideia da entrevista, que provavelmente exigiria que eu me envolvesse mais diretamente em um campo desconhecido, para me concentrar em um campo filosófico que certamente me instruiu, me fascinou por algum tempo e que percebi como subjacente, tácita ou explicitamente, às posições de Françoise Choay. Hoje, naturalmente, lamento profundamente essa decisão, que me privou de ouvir pessoalmente seus comentários sobre essas questões, embora admita que teria sido difícil fazer o contrário.

Priscilla Alves Peixoto: Em nossa troca de mensagens que antecedeu esta entrevista, você mencionou que teve a impressão de não ter percebido, “(...) no momento da escrita da monografia, a particular importância do fenômeno da descolonização na formulação das teorias dos anos 1960”. Poderia nos contar mais sobre isso?

Rachid Ouahes: Na altura em que escrevi essa monografia, tinha detectado claramente uma virada essencial no discurso de Françoise Choay datado dos anos de 1961 e 1962, relacionado, em particular, à sua opinião sobre Le Corbusier e, mais amplamente, à distância que ela toma em relação à modernização (como já observado na questão anterior). Hoje não consigo explicá-lo e fico com raiva por ter conseguido ignorar a importância da descolonização da Argélia nesse processo que, simplesmente, atribuí a uma relação difícil com Le Corbusier (que você também notou). É claro que é essa descolonização que assina, de algum modo, o fracasso da modernização colonial, em que Argel, em determinados momentos, atingiu picos nas estatísticas de volumes de construção na década de 1950, antes de se limitar à França, como notou de forma excelente Kristin Ross (1996). Obviamente, penso que naquela altura tinha internalizado um certo princípio de autonomia que os arquitetos procuravam e segundo o qual a arquitetura e o urbanismo teriam existências relativamente autônomas em relação à política. Mas não posso deixar de pensar que se trata ainda de uma espécie de “carta roubada” lacaniana (LACAN, 1955) que eu visivelmente ignorava, apesar de completamente exposta.

Há certamente um elemento do inconsciente nessa empreitada, e fiquei genuinamente surpreso ao notar recentemente que havia destacado na monografia um trecho de um artigo de Françoise Choay de 1961 que menciona a “tortura”⁴, tema dominante da Guerra da Argélia. Embora ela não mencione a Argélia ou o Magrebe em nenhum lugar (com exceção de certos relatos, como no caso de Michel Écochard), é claro que há, naquele momento, uma espécie de ampliação do paradigma urbanístico à referência orientalista ou culturalista (o que talvez seja mais explícito em *A regra e o modelo*, 1980), apesar de isso ser feito, certamente, no modo ambíguo de sua percepção do culturalismo, que ela distancia visivelmente e significativamente do domínio francês e atribui a uma dimensão psicanalítica.

³ Ver COHEN, 2015.

⁴ O trecho mencionado é: “Hoje buscamos com nostalgia a opacidade das coisas, e é porque nos deleitamos com as categorias do duvidoso, do perturbado, do inquietante ou do sórdido, é porque também interrogamos, até a tortura, os produtos da civilização mecânica, de modo a fazê-los descobrir, por trás das aparências racionais que nos desesperam, um fundo de autonomia subversiva e violenta.” (CHOAY, 1961, tradução nossa).

Inventário bibliográfico de escritos identificados e reunidos por Rachid Ouahes

Em sua monografia para o Diplôme d'Études Approfondies (DEA), *Épistémologie et science de la ville: chronique d'une mort annoncée* [Epistemologia e ciência da cidade: crônica de uma morte anunciada], Rachid Ouahes (1999) identificou uma série de escritos redigidos por Françoise Choay entre 1956 e 1999. Trata-se de um importante esforço de sistematização de fontes que subsidiaram sua pesquisa sobre a obra da autora. A fim de contribuir para pesquisas futuras, publicamos seu inventário bibliográfico nas páginas seguintes.

Artigos:

France Observateur (1956-1961)

- "Vous pouvez construire une maison pour le prix de deux voitures", (305), 15 mars 1956, p. 15.
- "Ors et poteries précolombiens". (307), 29 mars 1956, p. 13.
- "Les musées d'aujourd'hui font peau neuve", (313), 10 mai 1956, pp.10-11.
- "Pourquoi le meuble moderne n'est-il pas, en France, fabriqué en série ?", (314), 17 mai 1956, p. 14.
- "Introduction à Michel Ecochard, "Les plans d'aménagement de la région parisienne ne sont que du vent", (317), 7 juin 1956, pp. 10-11.
- "Le Salon des Artistes Décorateurs consacre le triomphe du faux moderne", (317), 7 juin 1956, p. 14.
- "Richesse de l'art populaire", (320), 28 juin 1956, pp. 16-17.
- "Pourquoi les Français boudent l'architecture moderne", (321), 5 juil. 1956, pp. 10-11.
- "Les hôtels français ne sont pas adaptés aux vacances", (329), 30 juil. 1956, p. 11.
- "Les bidonvilles donnent une leçon d'urbanisme", (332), 20 sept. 1956, pp. 13-14.
- "Notre époque à la recherche de son style", (342), 29 nov. 1956, p. 12.
- "Note de lecture : F. Cali & L. Hervé, La plus grande aventure du monde", (346), 27 déc. 1956, p. 16.
- "Espace et sculpture : Antoine Pevsner", (347), 3 janv. 1957, pp. 29-30.
- "Un exemple : Panafieu", (352), 7 fév. 1957, p. 16.
- "Dior habillera-t-il demain l'ouvrière chinoise ?", (356), 7 mars 1957, pp. 12-13.
- "Le Rond-Point de La Défense devient le laboratoire de l'architecture française", (359), 28 mars 1957, pp. 13-14.
- "Depuis Bonnard", (359), 28 mars 1957, p. 19.
- "L'art de la muséographie", (360), 4 avril 1957, p. 16.
- "L'industrialisation des constructions scolaires", (361), 11 avril 1957, p. 13.
- "Contre l'objet : Mondrian", (361), 11 avril 1957, p. 16.
- "Autour du semi-millénaire de l'imprimerie", (363), 25 avril 1957, p. 17.
- "Sous le signe du plastique et de l'acier", (364), 2 mai 1957, p. 16.
- "Salon de mai : mode et confiserie", (366), 16 mai 1957, p. 16.
- "Imagiers de Chartres", (366), 16 mai 1957, p. 16.
- "La peinture et les mots", (367), 23 mai 1957, p. 17.
- "Style et machinisme", (369), 6 juin 1957, p. 17.
- "L'art ancien de Tchécoslovaquie", (372), 27 juin 1957, p. 17.
- "Berlin, banc d'essai pour 17 architectes internationaux", (378), 8 août 1957, pp. 11-12.
- "A musées nouveaux, architecture nouvelle", (380), 22 août 1957, p. 12.
- "Un exemple à suivre : l'exposition de synthèse", (381), 29 août 1957, p. 14.
- "Aux sources de l'art non figuratif : Delaunay", (382), 5 sept. 1957, p. 14.
- "La saison 1957-1958 s'ouvre", (385), 26 sept. 1957, p. 14.
- "Vicissitudes de Mondrian", (387), 10 oct. 1957, pp. 20-21.
- "Actualité de l'expressionnisme", (388), 17 oct. 1957, pp 20-21.
- "A Milan : première vision du home planétaire", (389), 24 oct. 1957, p.21.
- "Lissone : une petite ville qui attire les grands peintres", (389), 24 oct. 1957, p. 15.
- "La vie des arts", (390), 31 oct. 1957.
- "Le palais de l'Unesco sera-t-il un outrage au Paris de Gabriel ? ", (392), 14 nov. 1957, p. 15.
- "Les revues d'art et la peinture actuelle", (392), 14 nov. 1957, p. 20.
- "Vers un renouvellement du relief", (394), 28 nov. 1957, p. 21.

- "Les démocraties populaires et l'art abstrait", (396), 5 déc. 1957, p. 20.
- "Les peintures préhistoriques du Sahara", (396), 12 déc. 1957, p. 21.
- "La tradition japonaise face à l'Occident : Da Moto", (396), 12 déc. 1957, p. 22.
- "Le musée imaginaire, victime du livre d'art ? ", (397), 19 déc. 1957, pp. 22-23.
- "La Pologne veille sur son folklore", (398), 26 déc. 1957, p. 19.
- "L'art roman à hauteur d'œil", (398), 26 déc. 1957, p. 19.
- "Réalité de l'art américain", (399), 2 janv. 1958, pp. 21-22.
- "L'Histoire à l'affiche", (400), 9 janv. 1958, pp. 21-22.
- "Art et poésie à Bruxelles", (401), 16 janv. 1958, pp. 21-22.
- "Bernard Buffet ou les marchands infanticides", (402), 23 janv. 1958, p. 23.
- "Un grand peintre américain expose à Paris : Mark Tobey", (402), 23 janv. 1958, p. 23.
- "Paris retrouve Max Ernst", (403), 30 janv. 1958, p. 24.
- "Une exposition rend sa place historique à Malevitch, peintre et esthéticien", (404), 6 fév. 1958, p. 23.
- "Jeanne d'Arc et Buffet", (405), 6 fév. 1958, p. 17.
- "Blue jean et style industriel", (405), 6 fév. 1958, p. 19.
- "Humour et peinture : Baj", (406), 13 fév. 1958, pp. 18-19.
- "Habiter le Sahara", (407), 27 fév. 1958, p. 12.
- "Vitalité de la sculpture", (408), 6 mars 1958, p. 16.
- "Le sens d'une architecture nouvelle", (410), 20 mars 1958, pp. 15-16.
- "La Provence de Pignon - Dialogue avec le peintre", (410), 20 mars 1958, p. 21.
- "Pseudo-Ecole du Pacifique", (411), 27 mars 1958, p. 16.
- "Le Musée le plus moderne d'Europe", (412), 3 avr. 1958, p. 19.
- "Une couture de temps perdu", (413), 10 avr. 1958, p. 9.
- "Peinture et révolution : Daumier", (413), 10 avr. 1958, p. 15.
- "Beaucoup de bruit pour ...", (413), 10 avr. 1958, p. 16.
- "Importance du XVII^e siècle français", (415), 24 avr. 1958, p. 20.
- "Bruxelles : l'art moderne et son passé", (416), 2 mai 1958, p. 13.
- "Pans n'a pas le privilège de l'art", (418), 15 mai 1958, p. 16.
- "Sculpture, architecture et poésie", (418), 15 mai 1958, p. 16.
- "Salon de mai", (419), 22 mai 1958, p. 20.
- "Esotérique et indifférent", (419), 22 mai 1958, p. 20.
- "Soirées de Paris'... d'hier", (421), 29 mai 1958, p. 20.
- "Sur Modigliani", (422), 5 juin 1958, p. 18.
- "Festival de la peinture abstraite à Venise", (424), 19 juin 1958, p. 24.
- "Recherche de l'innocente perdue", (425), 26 juin 1958, p. 18.
- "Delaunay et l'art moderne", (427), 10 juill. 1958, p. 16.
- "La tapisserie, art moderne", (431), 7 août 1958, p. 15.
- "A propos des nouvelles réalités 1958", (433), 21 août 1958, p. 14.
- "A travers les musées de province", (434), 28 août 1958, p. 16.
- "Les nouveaux bâtiments de l'Unesco entr'ouvrent leurs portes", (435), 4 sept. 1958, p. 12.
- "Byzance qu'ignora l'art roman", (436), 11 sept. 1958, p. 15.
- "Cadre de demain, exposition d'hier", (441), 16 oct. 1958, p. 15.
- "Itinéraire vers Wols", (443), 30 oct. 1958, p. 20.
- "En Scandinavie : Une poêle à frire devient un objet d'art", (444), 6 nov. 1958, pp. 14-15.
- "Pour vos cadeaux de fin d'année : Des livres d'art ...", (449), 11 déc. 1958, p. 15.
- "Si l'Occident devient calligraphe", (450), 18 déc. 1958, p. 24.
- "Jackson Pollock au pays de Descartes", (456), 29 janv. 1959, p. 20.
- "André Balint", (458), 12 fév. 1959, p. 20.
- "Babel à Paris", (469), 30 avr. 1959, p. 16.
- "Tapiès, mystique du presque rien", (469), 30 avr. 1959, p. 20.
- "Dubuffet et les fascinations de la terre", (473), 28 mai 1959, p. 20.
- "Cités-Jardins ou 'cages à lapins' ?", (474), 4 juin 1959, pp. 12-13.
- "Que deviennent nos espaces verts ?", (476), 18 juin 1959, p. 15.
- "Treize peintres espagnols", (476), 18 juin 1959, p. 20.
- "Le Corbusier à la Cité Universitaire", (478), 2 juill. 1959, p. 15.
- "Visitez aussi la France de demain", (481), 23 juill. 1959, pp. 14-15.
- "Une capitale sort de terre : Brasilia", (492), 8 oct. 1959, pp. 15-16.
- "Le Musée F. Léger", (493), 15 oct. 1959, p. 20.

- "Peinture et sociologie", (494), 22 oct. 1959, p. 20.
- "Architecture, le colloque de Royaumont", (496), 5 nov. 1959, p. 20.
- "Surréalisme et tradition germanique : Max Ernst", (499), 26 nov. 1959, p. 21.
- "Pour vos cadeaux de fin d'année : Des livres d'art ...", (501), 10 déc. 1959, pp. 15-16.
- "Antagonismes", (510), 11 fév. 1960, p. 21.
- "Arts Ménagers : Un appartement sur mesures", (512), 25 fév. 1960, pp. 15-16.
- "Apollinaire et Char reliés par un poète", (515), 17 mars 1960, p. 20.
- "Ces nombreuses mais tristes H LM", (517), 31 mars 1960, pp. 19-20
- "Pour sauver Pans : l'opération banlieue", (522), 5 mai 1960, pp. 14-15.
- "Les barbes de Jean Dubuffet". (522), 5 mai 1960, p. 24.
- "Mathieu : Pompes et supplices de l'ancienne France", (528), 16 juin 1960, p. 23.
- "Actualité de la peinture chinoise", (530), 30 juin 1960, p. 21.
- "Nice : les primitifs - Vence : petit bal de têtes", (536), 10 août 1960, pp. 20-21.
- "Le Japon et les problèmes de la cité moderne", (537), 17 août 1960, pp. 20-21.
- "Les abstractions de la haute couture", (541), 15 sept. 1960, p. 17.
- "Quelques livres sur art" (avec J.-F. Revel), (554), 15 déc. 1960, pp. 22-23.
- "La grande misère des architectes français", (557), 5 janv. 1961, pp. 19-20.
- "Dubuffet : Le mythe de la terre", (558), 12 janv. 1961, pp. 23-24.
- "Autour du palais de La Défense : ça des logements ?", (566), 9 mars 1961 p. 20.
- "Saarinen : contre l'architecte-artiste", (597), 12 oct. 1961, pp. 23-24.
- "Menaces sur la place de Fontenoy", (598), 19 oct. 1961, p. 22.
- "Gare d'Orsay : de 1900 à l'an 2000", (607), 21 déc. 1961, pp. 24-25.

France Observateur : Courrier des lecteurs

- "Le style et le machinisme", (370), 13 juin 1957, p. 20.
- "L'art abstrait en Pologne", (397), 19 déc. 1957, p. 14.
- "Où va la peinture abstraite ?", (410), 20 mars 1958, p. 16.
- "Courrier/réponse : André Bloc/Françoise Choay", (561), 2 fév. 1961, p. 23.

L'Oeil (1958 - 1959)

- "50 ans d'art moderne à Bruxelles", (40), avril 1958, pp. 104-112.
- "L'Art vivant à l'exposition de Bruxelles", (42), juin 1958, pp. 50-57.
- "Jackson Pollock", (43/44), juill.-août 1958, pp. 42-45, 83.
- "La XXIXe Biennale de Venise", (45), sept. 1958, pp. 29-35.
- "Jean Prouvé", (46), oct. 1958, pp. 60-69.
- "Ainsi vivent les scandinaves", (47), nov. 1958, pp. 68-79.
- "Architecture et industrie". (49). janv. 1959, pp. 55-69.
- "L'Ecole espagnole". (51), mars 1959, pp. 10-17.
- "Le centre nucléaire de Fontenay aux Roses", (52), avril 1959, pp. 42-45.
- "Bagnols-sur-Cèze, ville nouvelle intégrée dans le passé", (54), juin 1959, pp. 82-87.
- "Nouvelle zone ou cités-jardins ?", (55/56), juill.-août 1959, pp. 54-61.
- "Le pavillon du Brésil que Le Corbusier vient d'achever...", (57), sept. 1959, pp. 54-59.
- "Un édifice pilote : la CCAF à Paris", (58), oct. 1959, pp. 60-63.
- "Une capitale préfabriquée : Brázilia", (59), nov. 1959, pp. 77-83.
- "Les édifices de Jean Dubuffet". (221-222), déc. 1973 - jan. 1974, pp. 16-17.

Jardin des Arts (1960 - 1961)

- "Evolution et tendances de la peinture depuis 1944", (66), avril 1960.
- "La trentième Biennale de Venise", (70), août 1960, pp. 44-56.
- "Esthétique de la mode", (73), nov. 1960, pp. 16-23.
- "Entretien avec Dubuffet", (75), fév. 1961, pp. 52-55.
- "Zoltan Kemeny", (77), avril 1961, pp. 48-52.

- "Teophilos" (avec extraits d'un texte de Le Corbusier), (79), juin 1961, pp. 40-43.
- "Pourquoi la France insolite ?", (80/81), juill.-août 1961, p. 3.

Connaissance des Arts (1960 - 1962)

- "La maison d'un architecte japonais", (104), oct. 1960, pp. 54-57.
- "L'ère nouvelle des 'créateurs de formes'", (107), janv. 1961, pp. 50-55.
- "Un maître de l'architecture scandinave 'explique' sa maison", (109), mars 1961, pp. 84-89.
- "Le musée du Havre, le plus mobile du monde", (113), juill. 1961, pp. 32-37.
- "La grande compétition pour le Palais d'Orsay", (120), fév. 1962, pp. 50-58.

Art International (1960 - 1963)

- "Lettre de Paris" (1), IV (8), 25 oct. 1960, pp. 36-38.
- "Lettre de Paris" (2), IV (9), déc. 1960, pp. 34-43.
- "Les sources du XXIème siècle (1884-1914)", IV (10), 31 déc. 1960, pp. 53-61.
- "Les découvertes d'une rétrospective et la mythologie de la terre dans l'œuvre de Jean Dubuffet", V (1), fév. 1961, pp. 20-32.
- "Lettre de Paris" (3), V (1), fév. 1961, pp. 64-67.
- "A propos et autour de comparaisons", V (2), mars 1961, pp. 66-69.
- "Miro, Millares, et les pictogrammes", V (3), avril 1961, pp. 35-37.
- "Lettre de Paris" (4), V (4), mai 1961, pp. 60-65.
- "Le peintre et son privilège", V (4), mai 1961, pp. 88-91.
- "Par delà l'image et le symbole : Alberto Burri", V (5-6), juin-août 1961, pp. 30-33.
- "Dada, Néo Dada, et Rauschenberg", V (8), oct. 1961, pp. 82-84.
- "Pierre Bettancourt", VI (1), fév. 1962, pp. 56-61.
- "L'objet en face du produit", VI (4), mai 1962, pp. 84-87.
- "Venise 1962", VI (8), oct. 1962, pp. 38-41.
- "Kopacs, à la recherche du monde perdu", VII (2), fév. 1963, pp. 38-41.

Arts de France (1963-1964)

- "Techniciens et architectes autour de 1900", t. 111, 1963, pp. 311-320.
- "Mathieu ou les dangers de l'élégance", t. IV, 1964, p. 386.
- "Grands ensembles et petites constructions", t. IV, 1964, pp. 387-391

Revue d'Esthétique (1962 -1969)

- "L'industrialisation et le bâtiment", XV/3-4, juil.-déc. 1962, pp. 279-291.
- "Chronologie sommaire de la période 1850-1960 - principaux édifices élevés et publications importantes", XV/3-4, juil.-déc. 1962, pp. 361-367.
- "Fonctionnalisme et conscience, situation de l'industrial design", XVII/3-4, juil.-déc. 1964, pp. 264-269.
- "Vingt ans d'architecture". XX, 1968, pp. 376-387.
- "L'exposition du Bauhaus", XXII/4, oct.-déc. 1969, pp. 317-319.

La Quinzaine Littéraire (1966 - 1977)

- "Une science du regard" (H. Wölfflin, Principes fondamentaux de l'Histoire de l'Art), (6), 1 juin 1966, p. 16.
- "Contre l'enfer vertical" (F. L. Wright, L'architecture de l'avenir), (7), 15 juin 1966, p. 17.
- "Faut-il visiter les musées ?" (P. Bourdieu, A. Darbel, L'amour de l'art), (12), 15 sept. 1966, p. 16.
- "Paris, an 2000", (SDAU de la région de Paris, Délégation générale du District), (13), 1 oct. 1966,

- pp. 14-15.
- "Architecture" (J. Richard, L'aventure moderne de l'art sacré ; J. Duquesne, Vivre à Sarcelles ?), (15), 1 nov. 1966, p. 17.
 - "Les meilleurs livres d'art de l'année", (17), 1 déc. 1966, pp 16-18.
 - "Mégalopoles" (P. Hall, Les Villes mondiales ; E. A. Gutkind, Le Crépuscule des villes), (20), 15 jan. 1967, pp. 18-19.
 - "Picasso pour idolâtres" (H. Parmelin, Picasso dit), (22), 15 fév. 1967, p. 16.
 - "Structures et espaces d'une ville" (H. Coing, Rénovation urbaine et changement social), (23), 1er mars 1967, pp. 16-17.
 - "Soixante petites filles et la comtesse" (enquête sur la comtesse de Ségur), (26), 15 avr. 1967, p. 18.
 - "De Shylock à Huysmans" (J. K Huysmans, Trois primitifs... ; B. Blumenkranz, Le juif médiéval au miroir de l'art chrétien), (28), 15 mai 1967, pp 16-17.
 - "Une méthode pour l'histoire de l'art" (E. Panofsky, Essais d'iconologie - Architecture gothique et pensée scolastique), (30), 15 juin 1967, p. 3.
 - "Revolution à Montréal" (l'exposition), (34), 1er sept. 1967, pp. 25-26.
 - "Cézanne" (L. Brion-Guerry, Cézanne et l'expression de l'espace), (36), 1er oct. 1967, p. 16.
 - "Le vrai métier de Mérimée" (P. Mérimée, Etudes sur les Ans du Moyen Age), (38), 1er nov. 1967, pp. 17-18.
 - "L'architecture soviétique avant Staline" (A. Kopp, Ville et Révolution), (40), 1er déc. 1967, pp. 16-17.
 - "L'affaire des Halles : bilan d'une bataille", (48), 1er avr. 1968, pp. 18-19.
 - "Les Halles : un modèle de méthode", (49), 15 avr. 1968, p. 16.
 - "Mort de l'école des Beaux-Arts", (52), 15 juin 1968, p. 13.
 - "Aristote, Spinoza", (62), 1er déc. 1968, p. 22.
 - "Photographie et logicien" (A. Ozenfant. Mémoires), (63), 15 déc. 1968, p. 11.
 - "Architecture moderne : une nouvelle tradition de l'espace" (S. Giedion, Espace, temps et architecture), (64), 1er janv. 1969, pp. 16-17.
 - "Picasso à l'épreuve" (J. Berger, La réussite et l'échec de Picasso), (65), 15 janv. 1969, p. 16.
 - "Paul Delvaux" (entretien), (74), 1er juin 1969, pp. 16-17.
 - "Le dernier des géants" (Mies van der Rohe), (78), 1er sept. 1969, p. 15.
 - "La Revue de l'Art", (83), 16 nov. 1969. p. 16.
 - "Un peuple de monstres" (Dado), (88), 1er fév. 1970, pp. 16-17.
 - "Arts japonais d'aujourd'hui", (91), 15 mars 1970, p. 18.
 - "L'esprit de la Renaissance" (E. Panofsky, L'Œuvre d'art et ses significations), (92), 1er avr. 1970, pp. 16-17.
 - "L'emploi des signes" (R. Barthes. L'empire des signes), (94), 1er mai 1970, p. 5.
 - "Trois californiens à Londres", (96), 1er juin 1970, p. 16.
 - "A la recherche d'un ordre urbain" (L. Mumford, Le déclin des villes..., A. Mitscherlich, Psychanalyse et urbanisme), (106), 15 nov. 1970, pp. 18-19.
 - "Classique et baroque" (Y. Bonnefoy, Rome 1630), (108), 16 déc. 1970, p. 19.
 - "La trace fulgurante de Dürer" (A. Dürer, Journal de voyage aux anciens Pays-Bas), (111), 1er fév. 1971, p.7.
 - "L'humour à la Nationale", (115), 1er fév. 1971, p. 16.
 - "François Mansart dans son époque", (116), 16 avr. 1971, p. 7.
 - "Une initiation à Moore" (R. Melville, Henry Moore), (118), 16 mai 1971, pp. 17-18.
 - "Mathieu et le signe", (119), 1er juin 1971, p. 17.
 - "Le Corbusier et son mythe" (S. von Moss, Le Corbusier ; I. Xenakis, Musique, architecture), 1er juill. 1971, pp. 16-17.
 - "Les meilleurs livres d'architecture", (121), 1er juill. 1971, p. 18.
 - "La peinture scandaleuse de Francis Bacon" (J. Russell, Entretien avec Bacon), (129). 16 nov. 1971, pp. 15-16.
 - "Livres d'art : Architecture, archéologie" (L'œuvre et les rêves de Ledoux ; Venise au fil du temps ; Alvar Aalto...), (131), 16 déc. 1971, pp. 15-16.
 - "Folon : 'déranger l'ordre reçu'" (entretien), (132), 1er janv. 1972, p. 17.
 - "La bio-logique de Fred Deux", (139). 16 avr. 1972, pp. 17-18.
 - "Manolo Millares", (150), 16 oct. 1972.
 - "Livres d'art – Monographies" (A. Polliet, Le Soleil dans la tête ; R. Delevoy, Rubens), (153), 1er déc. 1972, pp. 22-24.

- "Monographies" (P. Schneider, Riopelle), (154), 16 déc. 1972, p. 22.
- "La recherche de Louis Marin" (L. Marin, Utopiques, jeux d'espaces ; Etudes sémiologiques), (195), 1er oct. 1974, pp. 20-21.
- "Le Romantisme allemand - Une peinture en réaction contre l'esprit petit-bourgeois". (248), 16 janv. 1977, pp. 16-17.

L'Architecture d'Aujourd'hui (1967-1970)

- "Sémiologie et urbanisme", (132), juin-juill. 1967, pp. 7-10.
- "Problème des Halles", (138), juin-juill. 1968, pp. 67-68.
- "Remarques à propos de sémiologie urbaine", (153), déc. 1970, pp. 9-10.

Urbanisme (1994 - 1996)

- "Françoise Choay" (Interview par Thierry Paquot), (278-279), nov.-déc. 1994, pp. 5-11.
- "Des textes au contexte" (version corrigée de l'interview précédente), suppl. hors série (5), déc. 1994, pp. 1-7.
- "Que faut-il maintenant penser de Le Corbusier ?" (282), mai-juin 1995, pp. 36-42.
- "Mumford au miroir de Georges Friedmann", (287), mars-avril 1996, pp. 42-47.
- "Sitte revisité", (290), sept-oct. 1996, pp. 42-48.

Revistas diversas (1958-1996)

- "Un nouvel art de bâtir", Le Courrier de l'Unesco (11), nov. 1958, pp. 4-7.
- "L'ambiguïté fondamentale de la peinture dans la société industrielle", Arguments (19), 3e trim. 1960, pp. 24-29.
- "Sur l'ambiguïté fondamentale de la peinture contemporaine", Ring des Arts (1), 1960, pp. 102-105.
- "Œuvres récentes de Kemeny", Quadrum (11), 1961. pp. 113-122 et 192.
- "Le temps et les sentiers de la folie chez Hundertwasser", Quadrum (14), 1963, pp. 71-78 et 192.
- "Que faut-il maintenant penser de Le Corbusier ?", Transmondia (46), déc. 1966, pp. 41-52.
- "La ville et l'imaginaire : une enquête" (I, II & III), Preuves (209-210), août-sept. 1968, pp. 42-64 ; (211), oct. 1968, pp. 40-59 ; (212), nov. 1968, pp. 29-33.
- "Compte rendu : Placide Rambaud, Société rurale et urbanisation", Esprit, juin 1969, pp. 1148-1151.
- "L'histoire et la méthode en urbanisme". Annales : E SC (4), juill. -août 1970, pp. 1143-1154 ; réédité in M. Rancayolo, Th. Paquot (eds.), Villes et civilisation urbaine, Paris, Larousse. 1992.
- "Dado au delà du récit", Cimaïse (102), 1971, pp. 22-30.
- "Figures d'un discours méconnu", in L'Urbain et l'Architecture, n° spécial Critique (311), avr. 1973, pp. 293-317.
- "Vue d'ensemble : le social et l'habitat ; quelques livres américains", in L'Urbain et l'Architecture, n° spécial Critique (311), avr. 1973, pp. 363-365.
- "Interview : Françoise Choay" (Marc Emery), Metropolis (6), mai 1974, pp. 65-69.
- "La Ville et le domaine bâti comme corps dans les textes des architectes théoriciens de la première Renaissance italienne". Nouvelle revue de psychanalyse (9), "Le dehors et le dedans", printemps 1974, pp. 239-251.
- "Le chant du signe" (entretien avec Bruno Vyssière), Architecture, Mouvement, Continuité (36), juin 1975, pp. 8-11.
- "Haussmann et le système des espaces verts parisiens", La Revue de l'art (29), 1975, pp. 83-99.
- "Pour une nouvelle lecture de Camillo Sitte", Communications (27), 1977, pp. 112-121.
- "Alberti and Vitruvius", Architectural Design, 1979, vol. 49, 5-6, pp. 26-35.
- "L'Art dans la ville : Haussmann et le mobilier urbain", Temps libre, n° 12, Paris, 1985, pp. 91-100.
- "Nostalgie ?", Espaces temps (33), 2ème trim 1986, pp. 11-12.



- "Vers un nouveau statut des signes de la ville", *Revue des Sciences Morales et Politiques*, fév. 1988, pp. 165-177.
- "Notre histoire : matériaux pour servir à l'histoire intellectuelle de la France, 1953-1987", *Le Débat* (50), mai-août 1988, pp 224-225
- Editorial, *Vieilles maisons françaises*, (130), oct. 1989, pp. 16-17.
- "La ville a-t-elle besoin d'un prince pour être belle ?", *Libération*, (date ?).
- "Paris mítico y mediático", *Monografias de Arquitectura v Vivienda*, (17), 1989.
- "La ville invivable", *Le Débat*, (60), mai-août 1990, Paris, Gallimard.
- "Des divers usages du patrimoine", *Monuments historiques* (182), juill.-août 1992, pp. 14-22.
- "Du temple de l'art au supermarché de la culture", *Villes en parallèle* (20/21), déc. 1994, pp. 209-221.
- "Enjeux de l'aménagement du territoire et nouvelles perspectives". *Les Cahiers de l'Urbanisme*, été 1995, (Bruxelles/ Mardaga)

Catálogos de exposição

- "Zoltan Kemeny", *Galerie Paul Facchetti*, Paris, 20 nov. 1959.
- "Mathieu", *Salas de Exposiciones del Ateneo de Madrid*, 15 nov.- 10 déc. 1960.
- "Millares", *Galerie Daniel Cordier*, Paris, fév. 1961.
- "Vajda", *Galerie Lambert*, Paris, 6-25 juin 1962.
- "Réquichot Aujourd'hui", *Festival de Montauban, Salon Sud-Ouest & Galerie Daniel Cordier*, 30 juin - 29 sept. 1963.
- "La poétique voilée de Graziani" in catalogue *Graziani*, *Musée de Bastia*, juill. - sept. 1974.
- "Pollock vu de Paris dans les années 50", Paris, *Centre G. Pompidou*, janv.- avr. 1982.
- "Le règne de l'urbain et la mort de la ville", in *Catalogue La ville, art et architecture en Europe, 1870-1993*, Paris : *Centre Georges Pompidou*, 1994, pp. 26-35.
- "La nature urbanisée", in *Catalogue La ville, art et architecture en Europe, 1870-1993*, Paris : *Centre Georges Pompidou*, 1994, pp. 61-62.
- "De la démolition", in *Métamorphoses Parisiennes*, Paris: *Pavillon de l'Arsenal*, 1996, pp. 11-28.

Livros e contribuições para diversas publicações

Livros

- *Le Corbusier*, New York : *Braziller*. 1960.
- *Mark Tobey*, Paris : *Hazan*, 1962.
- *L'urbanisme. utopies et réalités*. Paris : *Le Seuil*, 1965 (2eme éd. coll "Points" , 1980).
- *Espacements – Essai sur l'évolution de l'espace urbain*. Paris : *GICP*, (hors commerce), 1969.
- *The Modern City. Planning in the 19th Century*. New York : *Braziller*, 1970.
- *Connexions* (suivi par Jean Desanti, "Que faire d'un espace abstrait ?"), Paris : *GIPC* (hors commerce). 1971.
- *La règle et le modèle*. Paris : *Le Seuil*, 1980.
- *L'allégorie du patrimoine*. Paris : *Le Seuil*, 1982.

Prefácios, posfácios, introduções...

- *Introduction à Unesco Headquarters, a Symbol of the Twentieth Century*, Stuttgart : *Verlag Gerd Hatje*, 1958, pp vi-x. (version française : *Le siège de l'Unesco à Paris*, Paris : *Vincent Fréal*, 1958)
- *Postface à E. T. Hall, La dimension cachée*, Paris : *Le Seuil* (coll. "Points"), 1971, pp. 239-244.
- *Préface à A. Jacinto Rodrigues, Urbanisme et révolution*. Paris : *Editions Universitaires*, 1973, pp. 9-10.
- *Préface à I. Cerdà, La théorie générale de l'urbanisation*. Paris : *Le Seuil*, 1979, pp.7-8.
- *Préface (1) à C. Sitte, L'art de bâtir les villes, l'urbanisme selon ses fondements artistiques*, Paris: *L'Equerre*, 1980, pp. v-ix.



- Avant-propos à A. Riegl, *Le culte moderne des monuments*. Paris : Le Seuil, 1984, pp. 7-20.
- Préface à C. Perron, *Haute provence habitée : relevés d'architecture locale*, Aix-en-Provence : Edisud, 1985.
- Préface à B. Leclerc (éd.), J.-C.-N. Forestier 1861-1930 – *Du jardin au paysage*, Paris : Picard, 1994
- Préface à G. Giovannoni, *Vecchie cilla ed edilizia nuova*, Milan : CittàStudiEdizioni, 1995, p. vii.
- Préface à Melvin Webber, *L'urbain sans lieu ni bornes*, La Tour d'Aigues : Editions de l'Aube, 1996, pp. 5-26.
- Préface (2) à Camillo Sitte, *L'art de bâtir les villes, l'urbanisme selon ses fondements artistiques*, Paris : Le Seuil (coll. "Points"), 1996, pp. i-viii.
- Introduction à G. Giovannoni, *L'urbanisme face aux villes anciennes*, Paris : Le Seuil (coll. "Points"), 1998, pp. 7-32.

Verbetes de dicionário e enciclopédia

- "Aalto", in P. Francastel (éd.), *Les Architectes célèbres*. Paris : Mazenod, 1958, pp. 176-177.
- "Gorky", "Pollock", "Shahn". "Tobey", *Nouveau dictionnaire de la peinture moderne*, Paris : Hazan, 1963.
- "Pollock", "Tobey", *Dictionnaire d'art moderne*. Paris : Hazan. 1963.
- "Aalto", "Adler", "Jenney", "Mies van der Rohe". "Richardson", "Saarinen", "Sullivan", *Dictionnaire de l'architecture moderne*, Paris : Hazan, 1964.
- "Urbanisme - Théories et réalisations" (1), *Encyclopaedia Universalis*, 1973, pp. 492-499.
- "Le Corbusier", *Encyclopaedia Britannica*, 1974, pp. 621-623.
- "Gorky", "Shahn", *Dictionnaire de la peinture moderne*, Paris : Hazan, 1980.
- "Système de l'architecture urbain – F. Boudon, A. Chastel, H. Couzy, F. Hamon, CNRS", *Universalis*, 1980, pp. 519-520.
- "Urbanisme – Théories et réalisations" (2), *Encyclopaedia Universalis*, 1985, pp. 469-477.
- Articles divers in P. Merlin & Fr. Choay (éds.). *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*, Paris : Presses Universitaires de France, 1988.
- "Espace architectural", *Encyclopaedia Universalis*, 1989, pp. 688-694.
- "Urbanisme – Théories et réalisations" (3), *Encyclopaedia Universalis*, 1990, pp. 187-197.

Contribuições para obras coletivas e publicações especiais

- "The Object and Realism in Contemporary Art", in G. Kepes (éd.), *The Man-made object*, New York : Braziller, 1965 (traduction française : "Réalité de l'objet et 'réalisme' dans l'art contemporain", in *l'Objet créé par l'homme*. Bruxelles : La Connaissance, 1968, pp. 208-225).
- "Urbanism and semiology", in G. Baird and Ch. Jencks (éd.). *Meaning in Architecture*, Londres/New York, 1970, pp. 27-37.
- "Architecture et l'urbanisme", in J. Havet (éd.), *Tendances principales pour la recherche dans les sciences sociales*, 2ème partie, t. 1, *Sciences anthropologiques et historiques - Esthétique et sciences de l'art*, Paris/La Haye/New York : Unesco-Mouton, 1978 (1970), pp. 866-891.
- "Sémiologie et urbanisme", in Fr. Choay & al., *Le Sens de la ville*, Paris : Le Seuil, 1972, pp. 11 30.
- "Dubuffet aux bornes de l'écriture", in *Cahiers de L'Herne – Dubuffet*, Paris : L'Herne, 1973, pp. 316-319.
- "Le Corbusier's concept of human nature", *Critique* (III), New York : The Cooper Union School of Art and Architecture, 1974, pp. 141-155.
- *Logement social et modélisation - De la politique des modèles à la participation* (Ch. Alexander, J. Boulet, Fr. Choay, Ph. Gresset (éds.)), *Rapport pour le ministère de l'Equipement : (RAUC)*, 1978.
- "Pensées sur la ville, arts de la ville", in (G. Duby (éd.), *Histoire de la France urbaine*, vol. 4, *La ville et l'âge industriel*, Paris : Le Seuil, 1983, pp. 159-271.
- "Production de la ville", in G. Duby (éd.), *Histoire de la France urbaine*, vol. 5, *La ville aujourd'hui*, Paris : Le Seuil, 1985, pp. 233-280.
- "Mémoire de la ville et monumentalité" in A. Berque (éd.). *La qualité de la ville, urbanité française*,

- urbanité nippone, Tokyo : Publications de la maison franco-japonaise, 1987, pp. 121-129.
- "Conclusion", in P. Merlin, E. d'Alfonso & Fr. Choay (éds.), Morphologie urbaine et parcellaire, Vincennes : Presses Universitaires de Vincennes, 1988, pp. 145-161.
 - "L'arché-logique de Jean Dubuffet", in Jean Dubuffet – Monuments, Paris : Editions de Grenelle, 1992.
 - "Invention du patrimoine urbain : histoire et problèmes actuels", in J. Viard (éd.), Prague - Avenir d'une ville historique capitale, La Tour d'Aigues : Ed. de l'Aube, 1992, pp. 29-39.
 - "Six thèses en guise de contribution à une réflexion sur les échelles d'aménagement et le destin des villes", in A. Berque (éd.), La Maîtrise de la ville : Urbanité française, urbanité nippone, Paris : École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1994, pp. 221-227.
 - Penser la non-ville et la non-campagne de demain", in La France au-delà du siècle, La Tour d'Aigues : Ed. de l'Aube, 1994, pp. 23-32.

Anais de congressos, simpósios e conferências

- "La naissance du regard critique en urbanisme au XIXème siècle" (polycopié de la communication au colloque de Royaumont résumée in Sociologie et urbanisme, 1-3 mai 1968, Fondation Royaumont, 1968).
- Courants de pensée et grandes figures de l'urbanisme, Paris : Direction de l'Aménagement Foncier et de l'Urbanisme (DAFU), janv. 1969.
- "Notes préliminaires à une sémiologie du discours sur la ville" in Notes méthodologiques en architecture et en urbanisme (3-4), Centre MMI, Institut de l'Environnement, janv. 1974, pp. 151-183.
- "Le De re aedificatoria comme texte inaugural", in Les Traités d'Architecture de la Renaissance – De architectura, Actes du Colloque international de Tours - 1981, Paris : Picard, 1988, pp. 83-90.
- "Riegl, Freud et les monuments historiques". in Acts of the XXVth Congress of the History of Art, vol. III, The Pennsylvania State University Press, 1989, pp. 799-807.
- "Création et patrimoine : Un enjeu de société", in Enseigner le patrimoine architectural et urbain dans les écoles d'architecture. Ministère de l'Équipement. Direction de l'Architecture et de l'Urbanisme, Paris : Editions de Villes et Territoires, 1996, pp. 13-24

Referências

- CHARTIER, R. Materialidade e mobilidade dos textos. Dom Quixote entre livros, festas e cenários. In: ROCHA, J. C. de C. (org.). **Roger Chartier. A força das representações: história e ficção**. Chapecó: Argos, 2011. p.173–200.
- CHARTIER, R. O tempo da obra [2001]. In: CHARTIER, R. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Unesp, 2014. p. 295–310.
- CHARTIER, R. O mundo como representação [1988]. **Estudos Avançados [online]**, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 173–191, 1991.
- CHOAY, F. Lettre de Paris (4). **Art International**. Paris, v.4: mai, p. 60-65, 1961.
- CHOAY, F. **L'Urbanisme, utopies et réalités**. Une anthologie. Paris: Seuil, 1965.
- CHOAY, F. **La Règle et le modèle**. Sur la théorie de l'architecture et de l'urbanisme. Paris: Seuil, 1980.
- CHOHEN, J-L. **La coupure entre architectes et intellectuels, ou les enseignements de l'italophilie**. Bruxelles: Mardaga, 2015.
- DOSSE, F. **O desafio biográfico: escrever uma vida** [2005]. São Paulo: Edusp, 2009. p.361–404.
- LACAN, Jacques. **Le séminaire sur « La lettre volée »**, 1955.
- Ouahes, R. **Chronique d'une mort annoncée: essai d'interprétation de la théorie d'urbanisme de Françoise Choay, en regard du concept de "mort" appliqué à l'architecture et à la ville (Mémoire de Diplôme d'Études Approfondies)**. École d'Architecture Paris-Belleville - Université Paris VIII. Paris. 1999.
- PAQUOT, T. Die Städtebauteoretikerin Françoise Choay. Eine diskursbildende Propagatorin der Disziplin. In: FREY, K.; PEROTTI, E. **Frauen blicken auf die Stadt**. Architektinnen. Planerinnen. Reformerrinnen. Theoretikerinnen des Städtebaus II. Berlin: Reimer Verlag, 2019a. p. 275-293.
- PEIXOTO, P. Por uma leitura situada de urbanismo: utopias e realidades. Uma antologia (1965), de



Françoise Choay. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S. l.], v. 23, janeiro–dezembro 2021.

PEIXOTO, P. **Uma história do urbanismo em construção**: as práticas historiográficas de Françoise Choay (1956–1971). Tese de doutoramento. Rio de Janeiro: PROURB, 2018.

ROSS, Kristin. **Fast Cars, Clean Bodies**. Decolonization and the Reordering of French Culture. Massachusetts: The MIT Press, 1996.

RAND, Ayn. **The Fountainhead**. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1943.

Priscilla Alves Peixoto

Arquiteta e urbanista formada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ) (2007); especialista em História da Arte e da Arquitetura no Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) (2012); e mestre (2013) e doutora (2018) em Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da FAU-UFRJ. Fez estágio doutoral na École Nationale Supérieure d'Architecture Paris-Belleville (2016) e foi professora visitante na Université Rennes 2 (2022). Também é professora do Departamento de História e Teoria da FAU-UFRJ (desde 2018) e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da mesma instituição (PROARQ-FAU-UFRJ, desde 2021) e membro dos grupos de pesquisa Laboratório de Narrativas Arquitetônicas, do PROARQ-FAU-UFRJ, e Arquivos, Fontes e Narrativas: entre a cidade, a arquitetura e o *design*, da Universidade de São Paulo (USP). Além disso, é autora de capítulos de livros e artigos nas áreas de Urbanismo e História da Arquitetura, com especial interesse por historiografia, biografias intelectuais, arquivos de arquitetura e história da crítica da arquitetura.

Contribuição da coautora: entrevistadora, autora da introdução e tradutora para o português.

Rachid Ouahes

Arquiteto formado pela École Polytechnique d'Architecture et d'Urbanisme d'Alger (EPAU) em 1978; arquiteto no Atelier de Restauration de la Casbah d'Alger (1979–1980); mestre em *Urban Design* pela Cornell University, Ithaca, NY (EUA) (1984); arquiteto na Mintz Associates (Boston) (1985–1986); docente na École Polytechnique d'Architecture et d'Urbanisme d'Alger (EPAU) (1987–1990). Possui Certificado de Estudos Avançados (CEA) (1994) e Diploma de Estudos Avançados (DEA) (1999) na École Nationale Supérieure d'Architecture Paris-Belleville (França); é coorganizador, no Institut Français d'Architecture, da exposição *Alger paysage urbain et architectures* e coordenador do seu catálogo (Paris, 2003); e doutor pela Universidade de Paris VIII Saint-Denis, com *Le Projet Architectural et Urbain* (2006). É docente (desde 2016) de História da Arquitetura Ocidental, Colonial e Contemporânea e chefe do Departamento de Arquitetura (2020–2023) na Université Benyoucef Benkhedda (Argel 1); e coautor do livro *Alger, paysage urbain et architectures* (2003) e do *Dictionnaire des Orientalistes de langue française* (2008).

Contribuição do coautor: entrevistado e autor do inventário bibliográfico